
O PROCESSO PEDAGÓGICO INVISÍVEL DESENVOLVIDO POR MULHERES: O ensinar e aprender da tecelagem manual nas Minas Gerais

Amanda Motta Castro
Edla Eggert Eggert

INTRODUÇÃO



Toda habilidade artesanal baseia-se numa aptidão desenvolvida em alto grau. (SENNETT, 2009, p. 30).

Este artigo é um recorte de pesquisa de doutorado em andamento, cujo tema central é o gênero e os processos de ensino e aprendizagem de tecelagem manual desenvolvida no estado de Minas Gerais.

Para Twardokus (2004), a tecelagem é definida como o processo de produção de tecidos, tendo como base os fios por meio do cruzamento perpendicular de dois sistemas de fios paralelos: o urdume e a trama. A tecelagem manual é provavelmente uma das artes mais antigas e estima-se que tenha iniciado aproximadamente em 5000 a.C. (LANZELLOTI, 2009). Em todas as culturas são encontrados vestígios dessa arte que marca a História de seu respectivo povo (BUENO, 2005).

O trabalho de tecer iniciou, segundo Dinah Pezzola (2008), com a manipulação de fibras com os dedos. De acordo com a mesma autora, “o mais antigo indício da existência têxtil na história da humanidade data de mais de 24 mil anos; recentemente foram encontradas preciosidades que documentam a presença da tecelagem no período paleolítico” (2008, p.13).

Em sua História, está o desenvolvimento de uma técnica que veio aprimorando-se com o passar o tempo. Em vista disso, podemos afirmar que a tecelagem esteve presente na maior parte da História da humanidade, servindo como forma de aquecimento dos corpos por meio das vestimentas e tecidas, provavelmente, por mulheres. De acordo com Gilberto Lanzelotti (2009), a tecelagem era

feita entrelaçando pequenos galhos e ramos para construir barreiras, escudos ou cestas. Teia de aranha e ninho de pássaros podem ter sido as fontes para a criação da tecelagem.

O primeiro tear foi provavelmente algo tão simples quanto uma estrutura vertical construída de galhos. Nele, os fios eram pendurados e tencionados. Outros fios eram então entrelaçados, manualmente, a certo ângulo daqueles já tencionados, criando um tecido rústico. Segundo o mesmo autor, é atribuída aos gregos à transferência do tear de posição vertical para a horizontal e aos egípcios a fixação dos fios de urdume em dois galhos, a fim de poderem ser separados, de modo a facilitar o entrelaçamento dos fios.

Durante seu desenvolvimento, a tecelagem serviu para a sobrevivência de diversas pessoas. Também foi de grande valia para processos de resistência política e social, como por exemplo, na libertação da Índia, liderada por Mahatma Gandhi e sua esposa Kastürba. Portanto, podemos afirmar que a tecelagem foi fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento da sociedade.

No Brasil, algumas nações indígenas conheciam e praticavam a tecelagem. As mulheres indígenas trabalhavam com algodão e trançados de palha. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, a tecelagem passou a ser tramada no tear - então trazido pelos portugueses - e era desenvolvida pelas mulheres escravas e livres para a vestimenta das suas famílias. Em 1785, houve a proibição da confecção têxtil no Brasil.

Em 1785, a rainha Dona Maria I, assinou um alvará mandando destruir todos os teares brasileiros. Dona Maria I fez isso pressionada pelas indústrias da Inglaterra, que exportava seus tecidos para o Brasil e não estavam dispostos a enfrentar concorrência da produção local (SENAC, 2002, p.9)

A tecelagem sobreviveu, então, na clandestinidade, nas regiões mais afastadas do Brasil, principalmente no interior dos estados de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, e só saiu da clandestinidade em 1809 quando D. João VI, revoga, através de um alvará, o decreto de Da. Maria I.

Para a realização desta pesquisa, vamos a um dos Estados onde a tecelagem sobreviveu durante esse período - Minas Gerais. Fizemos tal escolha porque suspeitamos que, ainda hoje, a tecelagem é bastante desenvolvida neste estado e sobreviveu pela resistência em continuar com um trabalho proibido e pelo processo de ensino e aprendizagem que vem sendo preservado através das gerações, sobretudo pelas mãos das mulheres.

SITUANDO A PESQUISA EMPÍRICA

A empiria da pesquisa aqui apresentada ocorre no município de Resende Costa¹. Com sua pequena população, os homens de Resende Costa iam trabalhar - na capital mineira ou na capital de São Paulo - e permaneciam por longos períodos fora de suas cidades, longe de suas famílias. As mulheres ficavam em casa trabalhando nos afazeres domésticos, na criação dos filhos e na tecelagem manual. Esses trabalhos nos grandes teares manuais de Resende Costa faziam com que elas vestissem suas famílias e criassem peças para a casa, como colchas, tapetes e toalhas. Também era parte do trabalho das mulheres ensinar às suas filhas a arte dos teares, para que elas contribuíssem no sustento da família.

Após anos em longas estadas fora de casa para trabalhar, as mulheres de Resende Costa não queriam mais que seus companheiros e filhos fossem embora. Assim, começaram a ensinar os homens a tecer para que eles tivessem trabalho na pequena cidade mineira e não precisassem ir embora de casa para encontrar sustento, conforme as palavras da tecelã lã² de 80 anos:

o problema é que não tinha trabalho aqui em Resende Costa, os homens iam embora e nós ficávamos sozinhas cuidando de tudo por aqui, a gente ficava sem notícia, não tinha telefone e essas coisas que agora a gente tem, mais mesmo se tivesse acho que nós íamos começar a ensinar os homens a tecer porque ai fica a família toda junta e perto e fica bom. (Lã, 26/07/2011)

Assim, em Resende Costa, o trabalho de tecer nasce da necessidade cotidiana de cuidar da família e é ampliada pela necessidade dos homens terem trabalho perto de casa. No município mineiro, cada família desenvolve seu artesanato, geralmente no seu quintal, no fundo de suas casas. A venda ocorre em lojas na frente de suas casas ou por encomenda.

¹ Resende Costa é um município da Região das Vertentes, criado em 30/08/1911, tem área total de 631,561 km² e está localizada a 186 km de Belo Horizonte, capital mineira. Para abrigar tropeiros e viajantes, foi erguido na primeira metade do século XVIII um rancho. Essa movimentação de viajantes deu origem ao povoado de Lajes, hoje chamado de Resende Costa. Em 1749 foi construída a capela Nossa Senhora da Penha de França e estabelecidas oito casas, entre elas a do Inconfidente José de Resende Costa. No início, a pequena população dedicava-se ao plantio de gêneros alimentícios e à criação de gado. Em 1912 o então povoado de Lage ganhou sua autonomia como município, recebendo o nome de Resende Costa, em homenagem aos inconfidentes (pai e filho) que viveram ali no início do povoado. Hoje o município vive quase somente do artesanato têxtil, confeccionando, sobretudo peças para a casa. Sua População, segundo dados do IBGE de 2010, conta com 10941 habitantes. Dados obtidos em <<http://www.camaraderesendecosta.mg.gov.br/> em 04/09/2009> e no arquivo da cidade de Resende Costa, em julho de 2011)

² Sabemos que a discussão acadêmica sobre a citação verdadeira dos nomes das pessoas pesquisadas é longa e divide opiniões. Neste artigo, optamos por identificar as tecelãs por tecidos, a partir da classificação de tecidos possíveis de tramar (algodão, linho, lã, seda, tafetá, sarja, cetim, segundo a autora Dinah Bueno Pezzolo).

Há alguns anos, as mulheres passaram a ensinar, além de suas filhas, também os homens a tecer. Isso criou uma cidade onde a principal fonte de renda é a tecelagem manual, seja vendendo as peças produzidas nos teares, seja trabalhando diretamente nos teares ou no comércio local para atender turistas. Isso ocorre porque a venda de tecelagem atrai turista de norte a sul do Brasil para comprarem artesanato com alta qualidade e preço baixo. Entretanto, mesmo com a importância da tecelagem manual para a economia do município, o artesanato continua sendo um trabalho socialmente desvalorizado, precário e invisibilizado (EGGERT, 2010).

CAMINHO METODOLÓGICO: A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA COMO ABORDAGEM DE PESQUISA

Pesquisamos mulheres numa perspectiva feminista, utilizando como metodologia a observação participante, entrevistas individuais e narrativas de histórias de vida. A necessidade de uma epistemologia que pense a partir das margens, dos/as excluídos/as, e dos/as invisibilizados/as não é “privilégio” das mulheres. Em seu livro, *Epistemologias do Sul*, Boaventura de Souza Santos (2009) ressaltava a necessidade urgente de que o conhecimento sistematizado aprenda e reconheça a existência epistemológica do Sul. Segundo ele, no Sul, são desenvolvidos conhecimentos não reconhecidos “oficialmente”, “[...] a epistemologia que conferiu à ciência a exclusividade do conhecimento válido” (2009 p. 11). Essa epistemologia que “valida” o conhecimento, deixou de fora trabalhadores, mulheres, indígenas, afrodescendentes, e esses excluídos e excluídas estão principalmente no conjunto de países e regiões submetidos ao colonialismo europeu (SANTOS, 2009).

As mulheres foram excluídas da maior parte dos direitos sociais, tendo como *lugar principal* a esfera privada, e não a pública. Lembramos que nos referimos aos séculos de exclusão e silenciamento das mulheres no espaço público e, pensando sobre a pesquisa, cabe aqui uma pergunta: qual serão as consequências disso na pesquisa com mulheres?

Segundo Michelle Perrot (2007), o pouco registro escrito deixado pelas mulheres ao longo da história, devido à sua exclusão das instituições formais de ensino, é um fator complicador na pesquisa sobre mulheres.

Para Ivone Gebara (2000), com pouca história escrita pelas mulheres, ao longo do tempo, o conhecimento passou a ser totalmente controlado pelos homens. Sendo assim, ela afirma que “[...] um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão” (2000, p. 117). Aqui, não nos referimos a todos os homens, mas de um padrão *normativo*, por isso, quando

discutimos o monopólio do conhecimento pelos homens, falamos de um modelo de homem que, em sua maioria é branco, heterossexual e com um certo nível de poder. Portanto, podemos afirmar que esse monopólio também é excludente.

A epistemologia científica, exercida pelas instituições formais de ensino, busca, em alguma medida, processar e filtrar o conhecimento. A epistemologia da vida ordinária busca, a partir do cotidiano, da vida das pessoas comuns, entender e filtrar os conhecimentos produzidos à margem das instituições formais.

Devido às questões levantadas, a pesquisa com mulheres requer algumas abordagens peculiares, para além da epistemologia reflexiva ou científica. Aqui, pensamos e sabemos que não podemos abandonar de forma alguma essa epistemologia. Entretanto, precisamos de alternativas.

Para Gebara (2008), uma forma é a epistemologia da vida ordinária que, segundo ela, é a epistemologia de todos/as nós, de todos/as os/as mortais. Por volta de 1970, influenciada pelo movimento feminista, a epistemologia feminista surge e vem produzindo conhecimento ao redor do mundo. Segundo Gebara, “[...] o feminismo denuncia a produção de um conhecimento considerado científico, cuja consequência é a exclusão das mulheres e uma cultura marginalizante” (2000, p. 115). A epistemologia feminista tem denunciado e alertado sobre a supergeneralização, apontando que os valores, as experiências, os objetivos e as interpretações dos grupos dominantes são apenas os valores, experiências, objetivos e interpretações desses grupos, não da humanidade como um todo. Sobre isso, Gebara afirma que:

Sem dúvida, o conhecimento produzido por uma elite a serviço dos detentores do poder é mais valorizado do que qualquer outro produzido, por exemplo, por um grupo de catadores de lixo. Não só a questão das classes sociais aparece de forma marcante em todos os processos epistemológicos, mas também a questão da raça, do gênero, das idades, e da orientação sexual. Nossa maneira de expressar nosso conhecimento do mundo é reveladora de nosso lugar social e cultural. E este lugar condiciona nossa confiança e desconfiança, nossa valoração maior ou menos em relação ao que proposto como conhecimento. (GEBARA, 2008, p. 32).

Portanto, a partir das questões de classe social, gênero, raça, etnia, entre outros, surgiu uma área da epistemologia dedicada a compreender a forma como o gênero influencia aquelas concepções e práticas e como elas têm sistematicamente colocado em desvantagem as mulheres e outros grupos subordinados. Por esse motivo, podemos afirmar que pesquisar mulheres numa perspectiva feminista desafia a lógica dominante de um mundo hierárquico e patriarcal (GEBARA, 2000, 2008).

O olhar epistemológico feminista, tanto ordinário como científico, permite reler a História e, sem sombra de dúvida, os resultados das inúmeras perspectivas abertas têm sido dos mais criativos e instigantes. Essa perspectiva rompe com paradigmas estabelecidos, descobrindo e redescobrando a vida e a produção de conhecimento das mulheres ao longo da História. Desse modo, as mulheres, como as participantes da pesquisa que originou este artigo, têm produções as quais buscamos em alguma medida visibilizar. Tais produções são percebidas em suas próprias histórias, porque esta não está dada, como afirma Paulo Freire, como “[...] passagem pelo mundo não predeterminada, preestabelecida. Que meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir” (FREIRE, 1999, p. 58).

Essa busca por algo que precisa ser construído e que é de nossa responsabilidade requer alguns instrumentos. Eggert (2009, p.32) afirma que: “[...] buscar instrumentais de outros campos do conhecimento, para alimentar caminhos talvez inusitados; questionar as hierarquias; rever as margens onde as mulheres geralmente se encontram, no ato de produzir conhecimento (...)”. A autora propõe que esta busca é uma das possibilidades quando se faz pesquisa com esse olhar conceitual.

O feminismo tem produzido uma crítica contundente ao modo androcêntrico de produção do conhecimento. Além dessa crítica, os estudos feministas têm buscado e operado num alternativo de operação e articulação na esfera do conhecimento.

Sabemos que mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina dominante, uma experiência que, muitas vezes, está *às margens*. Entretanto, nessas margens, encontramos experiências³ cruciais para a pesquisa com mulheres e, por esse motivo, como já foi citado anteriormente, valorizamos o conceito de experiência (EGGERT, 2009; DEWEY, 1976).

Com base nestas questões, as experiências compõem a pesquisa a que se refere este artigo. O conceito de experiência tem, para nosso grupo de pesquisa, um investimento de estudo e debate, pois a trajetória de quem compõe o grupo aponta para duas realidades que sempre consideraram a experiência como desencadeadora da produção do conhecimento: a educação e o feminismo. Estamos levando em consideração o exercício de (re)leituras, dos processos de ensino-

³ Experiência vem do grego *empeiria*, matriz de “empírico”. No sentido mais básico, experiência refere-se à apreensão que os sujeitos fazem da realidade. A respeito, verificar Edênio Valle Religião, ano 2000, capítulo 2 Experiências religiosas. Segundo Fabris (1997, p.13), “Aristóteles discutiu o tema em diversas obras, utilizando três termos para indicar diferentes facetas de sua compreensão acerca da experiência: *Aisthesis* indica sensação, sentimento e intuição; *empeiria* indica experiência no sentido de habilidade e prática; *peira* indica prova e experimento”.

aprendizagem num lugar de ensino não-formal e suas implicações no cotidiano do trabalho de mulheres. As vivências de cada pesquisadora são também importantes experiências que fazem parte do processo de pesquisa. Sobre isso, Eggert (2003, p.24) afirma:

O reconhecimento da importância da subjetividade de quem pesquisa em todos os momentos da investigação passa a ter visibilidade. Na metodologia da teologia feminista, a experiência é critério para que aconteça a consciência da exclusão, a busca pela própria tradição e o reconhecimento de tradições alternativas. O mesmo ocorre com a pesquisa nas ciências sociais, pois revela um recorte semelhante.

Nossa construção/produção de conhecimento, como mulheres, passa pela nossa história, que é marcada pela diversidade. Essas histórias, que são experiências, nos permitem realizar a nossa leitura de mundo (FREIRE, 1999, 2003).

O PROCESSO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO PELAS MULHERES ARTESÃS EM RESENDE COSTA

O processo de ensino-aprendizagem desenvolvido pelas mulheres tecelãs no lugar da pesquisa a que se refere este artigo ocorre por meio de uma pedagogia não-formal e se dá, sobretudo, no cotidiano. Esse processo é desenvolvido em casa quando as mulheres mais velhas ensinam suas filhas, filhos e netas durante as atividades do dia a dia.

A tecelagem é elaborada nesse cotidiano e, para desenvolvê-la, é necessário o domínio de conhecimentos específicos: a tecelagem possui um saber. A complexidade da pedagogia produzida num espaço invisível, como é o cotidiano das mulheres, por muitas vezes passa ao largo da produção sistematizada do conhecimento.

Ao longo de nossa pesquisa, observamos que o processo pedagógico da tecelagem é predominantemente feminino e, por essa razão, nos parece que “perde” muito de sua “técnica”, “importância” e “saberes”. Compreendemos que o esvaziamento da potência desse saber se dá por vários motivos, entre eles, segundo Marcela Lagarde (2005), acontece pelo fato da sociedade em geral acolher a ideia de que as mulheres têm como missão última e valor maior a maternidade, ou seja, ao cuidado para com os outros como tarefa básica. E, segundo Eggert (2004), isso ocorre porque a sociedade reafirma a mulher como “responsável” pela esfera privada, tendo com base principal o trabalho doméstico, o amor materno e a obediência.

Segundo Perrot (2005, 2006), as mulheres, ao longo da História da humanidade, sempre trabalharam. Porém, seu trabalho foi invisibilizado, ora por ser doméstico, ora pelo fato de a mulher realizar trabalho artesanal ou de ajudante do marido na informalidade ou no negócio de seu

cônjuge, principalmente no comércio. Desta forma, podemos reconhecer que as mulheres, além de sempre trabalharem, criaram um processo de ensinar e aprender artesanal, desenvolvido, sobretudo no cotidiano.

Carlos Rodrigues Brandão (2007) afirma que ninguém escapa da Educação. Em diversos lugares e espaços, ela está presente na vida de mulheres e homens e nos acompanha durante toda a vida. Por muito tempo, a Educação foi pensada na lógica tradicional. Freire, por sua vez, denuncia e busca romper com essa lógica. Para ele, a Educação é sempre um ato político. Ele defende que o ato educativo seja pautado na formação crítica dos educandos/as, o que ocorre por meio da problematização, da leitura do mundo, com o objetivo de levá-los ao que denomina processo de conscientização. Uma educação que acontece na relação de homens e mulheres entre si, mediatizados pelo mundo.

Segundo José Romão (2008), para Freire não existe “a educação”, mas educações, ou seja, formas diferentes de homens e mulheres partilharem seu saber, partilharem o que são. Sob este princípio, podemos pensar na Educação em diversos espaços, como o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido pelas mulheres em Resende Costa.

Sem dúvida, Freire abre a discussão e a possibilidade de pensarmos sobre a Educação Não-Formal. Logo a discussão entre Educação Formal e Não-Formal está posta no bojo das discussões acadêmicas, talvez porque as fronteiras entre estas sejam tênues (CUNHA, 2010).

A Educação Formal inclui as práticas educativas realizadas em ambientes formais de ensino com devida certificação. Ela é desenvolvida em escolas, universidades, com conteúdos demarcados, currículo e avaliação. Na Educação formal, os espaços são os do território das instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais do Ministério da Educação.

A Educação Não Formal⁴ é entendida como aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização e é desenvolvida através de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos. Esta educação é ensinada e aprendida ao longo da vida e ocorre, diferente da escola “formal”, “no mundo da vida”, mediante processos de compartilhamento de

⁴ A Educação Não-Formal é desenvolvida no decorrer da vida em espaços de socialização, entendemos ser pertinente destacar aqui que não faremos uma distinção entre Educação Informal e Educação Não Formal, porque não encontramos argumentos suficientes para realizar tal distinção. Para alguns, a Educação Informal é a educação da vida, enquanto a Não Formal corresponde à realizada em locais não formais de ensino, como as Organizações Não Governamentais – ONG. Aqui estamos trabalhando com a pedagogia da não formalidade, conceito proposto por Cunha e Eggert (2010). Este conceito é entendido como as formas de ensinar protagonizadas por pessoas que não possuem formação escolar e está ancorado na Educação Popular.

experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Nessa perspectiva, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais não-formais de ensino. Essa Educação é constituída por todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, de forma permanente e não organizada (TORRES, 1992).

Essas pedagogias não formais, realizadas em espaços também não formais, vindas da experiência de vida, também podem ser nomeadas de pedagogias da clandestinidade (STRECK, 2006) ou pedagogia da não formalidade (CUNHA, 2010). As pedagogias que ocorrem nos espaços não formais têm sido uma questão muito pesquisada dentro do nosso grupo de pesquisa e é a partir deste cotidiano que ocorrem muitos dos processos educativos de mulheres. Esses espaços não institucionalizados são constantemente atravessados por diversas instituições, formais ou não (CUNHA, 2010).

CONCLUSÕES PARCIAIS

Como nossa pesquisa está em andamento, temos suspeitas apontadas tanto pela empiria como pela teoria na qual nossa pesquisa está ancorada.

Para Richard Sennett (2009), devemos desconfiar dos supostos talentos inatos. Na epígrafe que inicia este artigo, o autor afirma que a habilidade artesanal requer um alto grau de aprendizagem, o que nos permite afirmar que, ao olharmos um trabalho de tecelagem, como uma colcha bem tramada com suas diversas cores e formatos, é fato que a artesã que a fez aprendeu a técnica e a arte dos teares. Para Sennett (2009), são necessárias dez mil horas de experiência para termos uma artesã qualificada, logo, quando falamos em artesanato, estamos falando de horas de estudo, mesmo que esse processo não seja socialmente visibilizado nem reconhecido.

Na cidade onde acordamos com os barulhos dos teares e olhamos as lojas cheias de turistas comprando os produtos, feitos muitas vezes no quintal das casas, pode passar despercebido o fato de que existe um processo de ensino e aprendizagem da técnica de tecer.

Por necessidade de trabalho, as mulheres começaram a ensinar a arte da tecelagem como forma de subsistência e continuam ensinando e trabalhando nesta área. Em Minas Gerais, as mulheres iniciaram tecendo; e hoje homens e mulheres tecem. Entretanto, o processo pedagógico de ensinar continua como há cinquenta anos: nas mãos das mulheres. São elas as responsáveis por ensinar e é a elas que artesãs e artesãos recorrem quando algo está errado, quando há dúvidas ou necessidade de aperfeiçoamento.

Para Sennett, “[...] a cabeça e a mão não são separadas apenas intelectualmente, mas também socialmente” (2009, p. 57). O desafio de nossa pesquisa é grande, pois nos propomos a visibilizar os processos pedagógicos desenvolvidos pelas mulheres, minimizando a separação histórica, social e intelectual entre a cabeça e as mãos.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CUNHA, Aline Lemos. “*Histórias em múltiplos fios*”: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. Tese de doutorado. Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. 2010.
- DEWEY, John. *Experiência e Educação*. São Paulo: C. E. Nacional, 1976.
- EGGERT, Edla. *Educação popular e teologia das margens*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003.
- _____. domÉSTICO Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga J (Org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- _____. *Narrar Processos: Tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.
- _____. Trabalho precário x profissionalização de tecelãs: um desafio para a formação educacional no campo do artesanato gaúcho. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, VIII. *Anais...* Curitiba: UFTPR, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Pedagogia da Esperança*. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. São Paulo, Vozes, 2000.
- _____. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara. (Orgs.). In: *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- LANZELOTTI, Gilberto. *História da tecelagem artesanal no Brasil*. Disponível em: <<http://guiadecorar.com.br/posts/visualiza/1493>>. Acesso em: 10 out. 2009.
- LAGARDE, Marcela. *Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4.ed. Ciudad del México: UNAM, 2005.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Florianópolis: Edusc, 2005.
- _____. *Minha história sobre as mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- ROMÃO, José. Educação. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES, 2009.
- SENAC. *Fios e Fibras. Oficina de artesanato*. Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2002.
- SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- STRECK, Danilo. A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.11, n.32, maio-ago./2006.
- PREFEITURA DE ALVORADA. *História*. Disponível em: <<http://www.alvorada.rs.gov.br>>. Acesso em: 25 out. 2009.
- SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES, 2009.
- TORRES, Carlos Alberto. *A política da educação não formal na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RESUMO

Esse texto tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a pesquisa de doutorado em andamento. O olhar aqui é sobre Gênero, Artesanato e a invisibilidade da produção das mulheres. O objetivo principal da pesquisa é compreender como ocorre o processo pedagógico de ensino e aprendizagem não formal de tecelagem manual em Minas Gerais. A pesquisa é desenvolvida no município de Resende Costa, microrregião de São João Del Rei. O estudo tem como base o conhecimento feminista e a Educação Popular, visando trabalhar, sobretudo, nos estudos que vêm sendo produzidos e problematizados no Brasil e na América Latina. A metodologia ocorre por meio da observação participante, entrevistas individuais e narrativas de histórias de vida. Como ocorre o ensino e aprendizagem de uma técnica milenar que sobrevive no Brasil, no estado de Minas Gerais. Tendo como base os estudos feministas, a Educação Popular e a empiria nos dois estados, procuramos problematizar e compreender esse processo socialmente invisibilizado.

Palavras-chave: Educação. Artesanato. Gênero. Estudos Feministas.

ABSTRACT

THE INVISIBLE EDUCATIONAL PROCESS DEVELOPED BY WOMEN: TEACHING AND LEARNING OF MANUAL WEAVING IN MINAS GERAIS

This text aims to present some reflections on Doctorate level research in progress. Our focusing is on Gender, Handicraft Production and the invisibility of women developed by women in the city of Resende Costa, in the state of Minas Gerais. The main objective of this research is to understand how the educational process occurs in non-formal teaching and learning of manual weaving in Resende Costa research is developed in the city of Resende Costa, microregion of São João Del Rei, Minas Gerais. It is worth mentioning that the city of Resende Costa has the largest presence of manual weaving in Brazil, the main source of income of the population of this small town comes from weaving. Our research is based on feminist knowledge and Popular Education, aiming to work especially in studies that have been produced and problematized in Brazil and Latin America. The methodology of this research is through participant observation, interviews and narratives of life histories. How does occur teaching and learning an ancient technique that survives in Brazil especially in the states of Minas Gerais. Based on feminist studies, popular education and empiricism in both states, we discuss and understand this process made invisible socially.

Keywords: Education. Handicrafts. Gender. Feminist studies.

Submetido em: março de 2013

Aceito em: agosto de 2014